

# Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses (DUESC): proposta conceitual para leituras urbano espacial

Juscelino Gomes Lima<sup>1</sup>

---

## Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar uma nova proposta conceitual formulada em trabalho dissertativo denominada de Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses (DUESC). Por meio da mesma buscou-se compreender o conjunto de transformações sobre os solos urbanos que se operam fortemente desde a década de 1990 em cidades sertanejas do Estado do Ceará, notadamente, a partir de ações imobiliárias. A base para tal nova consideração teórica ancora-se nas categorias de produção do Espaço, Região e Território. Nesse sentido, um diálogo pertinente encontra base em Lefebvre (1973), Haesbaert (1999) e Santos (1997), entre outros. Como resultado, tem-se: apresentação de um organograma representando o esquema de relações/ligações dos fatores e elementos constitutivos considerados para a construção conceitual. A partir desta amostragem, a referida proposta contribui para outros debates que tomam as cidades sertanejas do estado do Ceará como norte reflexivo, considerando as inúmeras dinâmicas de transformação e, por conseguinte, a promoção de diferentes rebatimentos, notadamente, os estabelecidos nas escalas inter e intra urbana. Nessa possibilidade, a aplicação do conceito, permite o constructo de diferentes leituras, por diferentes áreas de saber, sobre que produções urbano-espaciais se edificam.

**Palavras-chave:** Dinâmicas Urbanas. Sertões. Ceará.

## Abstract

*This communication aims to present a new conceptual proposal made in a dissertational work called Urban Dynamics in spaces of Ceara backwoods (DUESC). Through it we sought to understand the set of transformations on urban soils that strongly operate since the 1990s in hinterland cities of Ceara, mainly from real estate stocks. The basis for this new theoretical consideration is anchored in the categories of production of Space, Region and Territory. In this point, a relevant dialogue is based on Lefebvre (1973); Haesbaert (1999); Santos (1997), among others. As a result, we present organizational chart representing the relationship scheme/links of factors and components considered for the conceptual construction. The proposal intends to contribute to other debates taking the hinterland cities in the state of Ceará as reflective north, considering the numerous dynamics of transformation, opportunity*

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia. Professor no Instituto Federal do Piauí (IFPI). geocelino@hotmail.com

*that allows the reading constructions about on that spatial urban productions edify, notably its various repercussions, in intra and inter scales at which they are located.*

**Keywords:** *Urban Dynamics. Hinterlands. Ceará.*

## 1 Introdução

A palavra dinâmica<sup>2</sup> utilizada aqui significa parte da mecânica que estuda o movimento e as forças, que tem movimento próprio. Sinonimamente, destacam-se as palavras flexionadas: atividade (ativo); vigoroso (vigor), etc., ambos os termos destacados diretamente revelam ideias de ação, movimento, energia. No caso das cidades, independente de sua classificação e tamanhos, mas recortadas sempre por contextos particulares (de formação; importância inter/intra regional, etc.) em suas evoluções territoriais e de composição é sempre nítido um movimento próprio, particular. Enfim, uma marca qualquer que lhes aponta o que são, para que são e como estão situadas dentro de diferentes escalas geográficas de importância.

Nesse sentido, a sinergia<sup>3</sup> constante sobre as cidades é carregada desta acepção: o de muitas dinâmicas. Vendo isso, a de lembrar-se que a cidade é resultado de relações sociais, que desembocam em diferentes materialidades, marcadas por distintos processos de formação e organização espacial, com rebatimentos nesse sentido nas estruturações “[...] sejam sociais, sejam elas culturais, econômicas ou políticas [...]” (SAQUET, 2011, p. 71).

Particularmente sobre as realidades urbanas sertanejas cearenses<sup>4</sup> estas transformações são frutos de condições acumuladas e com forte impulso de forma recente, considerando o histórico de urbanização no Brasil. Pensando dessa forma e com vistas ao objetivo preterido buscou-se apropriar da discussão acerca da Produção do Espaço a partir de Henry Lefebvre. Também contribui nesse sentido uma discussão conceitual e aplicativa das categorias de análise Região e também a de Territórios. A escolha sobre estas discussões para a geração do conceito proposto repousa na ideia que ambas dialogam sobre um ponto em comum: o enfoque sobre o espaço.

<sup>2</sup> Provingdo do grego dynamike, significa “forte”.

<sup>3</sup> Esta palavra cabe nesta discussão se considerarmos que a mesma entre outras aplicações/possibilidades se vincula a ideia de convergência de partes que em conjunto trabalham com vistas a resultados próprios, mas também em comuns. Há de se observar nessa perspectiva, a cidade como resultado de forças de diferentes agentes transformadores do espaço urbano, com vistas à reorganização espacial urbana aos seus objetivos.

<sup>4</sup> Muitas destas cidades que não necessariamente são classificadas como médias vem apresentando dinâmicas próprias e que se revelam a partir de seus novos conteúdos, notadamente, os estabelecidos sobre seus solos (a exemplo das novas formas de morar, de comércio e serviços, etc.). Assim, se comparando o tamanho populacional, os graus de desenvolvimento e a importância não apenas local, mas também regional, há de se perceber que cidades como Iguatu, Quixadá, Limoeiro do Norte, etc. (a título de exemplo) são diferentes. Contudo, quando estas, se comparadas à Sobral e Juazeiro do Norte (a título de exemplo de cidade médias) há também de se perceber a existência de elementos em comuns que condicionam rápidas transformações (comércio intenso; comando territorial sobre um raio de cidades menores; a presença de centros de estudos na confecção de mão de obra; novos equipamentos públicos e privados de serviços, etc.), daí falar em dinâmicas urbanas sobre cidades sertanejas do estado do Ceará.

Este artigo tem como objetivo apresentar uma nova proposta conceitual formulada em trabalho dissertativo denominada de Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses (DUESC). Por meio da mesma buscou-se compreender o conjunto de transformações sobre os solos urbanos que se operam fortemente desde a década de 1990 em cidades sertanejas do Estado do Ceará, notadamente, a partir de ações imobiliárias. A base para tal nova consideração teórica ancora-se nas categorias de produção do Espaço, Região e Território. Nesse sentido, um diálogo pertinente encontra base em Lefebvre (1973), Haesbaert (1999) e Santos (1997), entre outros. Como resultado, tem-se: apresentação de um organograma representando o esquema de relações/ligações dos fatores e elementos constitutivos considerados para a construção conceitual. A partir desta amostragem, a referida proposta contribui para outros debates que tomam as cidades sertanejas do estado do Ceará como norte reflexivo, considerando as inúmeras dinâmicas de transformação e, por conseguinte, a promoção de diferentes rebatimentos, notadamente, os estabelecidos nas escalas inter e intra urbana. Nessa possibilidade, a aplicação do conceito, permite o constructo de diferentes leituras, por diferentes áreas de saber, sobre que produções urbanas espaciais se edificam.

Para tanto, o artigo é constituído de sete seções, a saber: Produção do espaço: as concepções *Lefebvriana*; Região e Território em questão: uma revisão necessária; Sertão urbano cearense: bases históricas de sua formação; Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses: uma nova proposta conceitual; Considerações finais. Finaliza a composição, a listagem das referências.

Na segunda seção é apontado o pensamento de Henri Lefebvre<sup>5</sup> acerca da produção do espaço. Já na terceira seção, é discutido os valores conceituais e aplicativos das categorias de análise Região e de Territórios<sup>6</sup>. Na quarta seção é apresentado um quadro panorâmico dos processos histórico de formação e organização socioespacial do território cearense. Como resultado das discussões anteriores, na quinta parte é apresentado o conceito de Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses (DUESC). A sexta seção traz as considerações finais. Por fim, é listado ao final, os nomes de autores que embasaram todas as ideias narradas e defendidas.

## **2 Produção do espaço: as concepções Lefebvriana**

É sabido que das várias condições que marcam os processos de transforma-

---

<sup>5</sup> No texto, "A Reprodução das Relações de Produção", o referido vai "beber" nas leituras das obras de Karl Marx, onde por meio deste há uma série de indagações sobre a reprodução das relações sociais, notadamente sobre os vários sentidos da organização do espaço, considerando o contexto das lutas de classes e na sombra destas, o entendimento da expansão territorial do sistema capitalista. É interessante lembrar que este teórico é feito de algumas fases em suas discussões e elaborações textuais, marcando ricas contribuições à geografia e demais ciências humanas e sociais. Para ver este fato de forma ampliada ver o texto 'momentos da obra de Henri Lefebvre: uma apresentação' (MACHADO, 2008).

<sup>6</sup> Com fortes críticas e complexos pensamentos acerca de sua composição na evolução do pensamento geográfico, optamos em fazer um ligeiro painel retrospecto de uso, com prioridade, na abordagem de território usado.

ções/materializações sobre os espaços há destaque para a perspectiva temporal, que dentro do corpo científico da ciência geográfica é quase unanimidade a “discussão centrada na relação espaço-tempo, para entender a formação do espaço, do território, da paisagem e da regionalização. Esta relação espaço-tempo é considerada, nos estudos geográficos, de diferentes modos” (BRAGA, 2013, p. 4).

O vislumbrar deste relacionamento instiga-nos à constante capacidade de “leituras espaciais”. Muitas destas, amparadas em visões ideológicas que permitem enxergar o espaço para além de suas fragmentações, mas também em sua totalidade, já que antes daquelas, a constituição do mesmo se dá de forma “uno e múltipla, considerando que sua concepção envolve as seguintes categorias: natureza, espaço, sociedade e tempo” (SUERTEGARAY, 2001, p. 7).

Mas sobre estas categorias expandem-se as possibilidades de materializações diversas, ao longo do tempo, onde se permite uma reorganização do espaço em partes ou em outras palavras em possibilidades, já que o mesmo “é que reúne a todos, com suas diferenças, suas possibilidades diferentes, suas possibilidades diferentes de uso do espaço relacionados com possibilidades diferentes de uso do tempo” (SANTOS, 1997, p. 31). As palavras “usos”, “diferentes” e “tempo” marcam o conteúdo da fala anterior de Santos. Estas são mediadas pela ideia de possibilidades. Uma destas e de forma particular, são as que se realizam pelas ações humanas, quer seja no formato de diferentes relações homem x homem e ou ainda na relação homem x natureza que se dão sobre os diferentes espaços. Sobre os mesmos, apontam-se modos e concepções diferentes de/em fazê-los, margeados na retilínea do tempo, gerando um quadro dialético de relacionamentos.

É aí que entra as reflexões de Henri Lefebvre nas discussões sobre ‘produção do espaço’. No entremear da análise, algumas problemáticas são apontadas por este estudioso, dentre elas: quem produz e para quem? O que é produzir? Como e por que produzir?

Vê-se aí que o termo chave de suas inquietações é a palavra produção. Seja ela material ou imaterial, os espaços (via sociedades) circunstanciam-se pela constante capacidade de produzir:

[...] ora coisas (produtos), ora obras (todo o resto). As coisas são enumeradas, contadas, apreciadas em dinheiro, trocadas. E as obras? Dificilmente. Produzir, em sentido amplo, é produzir ciência, arte, relações entre seres humanos, tempo e espaço, acontecimentos, história, instituições, a própria sociedade, a cidade, o Estado, em uma palavra: tudo. A produção de produtos é impessoal; a produção de obras não se compreende se ela não depende de sujeitos (LEFEBVRE, 1973 *apud* GODOY, 2008, p. 128).

Em outras palavras, tanto a sociedade e os seus respectivos espaços encontram-se na esteira de relações que são estreitadas pela presença do dinheiro. Sendo que a vida social dos indivíduos se faz assinalada por meio de suas ações que consideram este fator como elemento principal no contexto dos relacionamentos apontados anteriormente.

Se considerarmos então que a constituição dos espaços urbanos se dá nesse formato, é perceptível que o pensamento do autor envereda pela compreensão da

existência de “relações analíticas entre o urbano e a vida cotidiana, sendo estes, ao mesmo tempo, produtos e produção do espaço” (SOTO, 2013, p. 180).

A lógica do trabalho insere-se diretamente nessa reflexão. Karl Marx é o expoente em que se origina esta discussão, particularmente, quando se conjectura na tese de que “é no trabalho que se manifesta a superioridade humana ante os demais seres vivos. Ele seria a realização do próprio homem, a fonte de toda riqueza e bem material” (OLIVEIRA, 2010, p. 72).

A categoria em amostragem se faz engendrada no espaço, notadamente, o urbano, pelas movimentações das diversas materialidades – estradas, estruturas de armazenamento de mercadorias, como também de condições à sua existência (que se explicitam nos espaços permitindo o “correr”, o “trafegar” das mercadorias, investimentos, indivíduos via migrações, etc.).

Ambos induzidos pelas práticas de planejamentos para tais, oportunidade que o retorno ao pensamento de Lefebvre, permite considerar um conjunto de alianças, que mesmo dialeticamente, dar-se entre “a sociedade, o Estado, o capital, o poder, a produção e as relações espaço/sociedade” (GODOY, 2008, p. 129).

Voltando então às inquietações levantadas por Lefebvre anteriormente e sua visualização sobre as realidades em que se estruturam os espaços geográficos, notadamente, os urbanos, há de perceber que no ano da publicação deste seu pensamento (1973) certamente o mesmo não ouvira falar e ou pensara nos ditos “agentes produtores espaciais”, explicitados por Corrêa (2002).

Os espaços urbanos, sendo então obra das ações particulares, mas com discursos aproximativos, que se voltam para a coletividade e sempre objetivada por tais, são direcionadas sempre para fins específicos que deem conta das realidades socioespaciais as quais se encontram submetidas. Nesse ponto, estas ideias conseguem responder em parte as inquietações lefebvreviana.

A outra parte pode ser reconhecida ao enxergar que as cidades além de serem constantemente reproduzidas, por meios de diferentes materialidades, em suas escalas de existência se fazem também

justificada pelo trabalho enquanto atividade transformadora do homem social, fruto de um determinado momento do desenvolvimento das forças produtivas, e aparece aos nossos olhos, por exemplo, através do tipo de atividade, do tipo de construção, da extensão e largura das ruas, estilo e arquitetura, densidade de ocupação, tipo de veículos, cores, usos etc. (NEVES, 2009, p. 2).

A forma então como aparecem (ou melhor dizendo, emergem) as cidades sertanejas do estado do Ceará, é sob este formato, o de sucessivas e contínuas transformações em seu interior: os novos arquétipos de moradias; um frenético quadro de atividades comerciais e de serviços; a chegada de cursos superiores e de aperfeiçoamento/treinamento, por meio de diferentes instituições de ensino; a inauguração de novos padrões de comportamento de consumo (materiais e imateriais), alicerçados pelas abrangência das redes de comunicação em massa. Enfim, uma diversa e seletiva capacidade de materialidade de capital nas cidades. Tudo isso, com uma escala de abrangência e influência micro e macrorregional, diferenciadas.

### 3 Região e Território em questão: uma revisão necessária

É na esteira deste pensamento e dos que vem se constituindo que emerge o debate sobre Território e Região<sup>7</sup>. O enveredar sobre tais e para esta reflexão repousa em dois grandes momentos de exame: o da importância conceitual de tais termos quando da perspectiva de planejamento regional e o outro quando direcionado à compreensão da constituição da ciência geográfica, logo, dos processos de teorização pertinentes.

À luz da constituição da geografia, Corrêa (2002) comenta que a origem do termo região repousa no termo *regio*, proveniente do latim, o qual se referia “à unidade político-territorial em que se dividia o Império Romano”. Assiste-se, nessa perspectiva, e considerando o radical da palavra ser proveniente do verbo *regere* (governar), a uma concepção e “conotação eminentemente política”.

Deste fato reconhece-se a incorporação da dimensão espacial nas discussões relativas à política, cultura e economia, e no que se refere às noções de autonomia, soberania, direitos, etc. Dando um salto no tempo histórico, particularmente, no momento em que a geografia é concebida como área do saber científico, se faz importante lembrar das figuras expoentes na construção teórica acerca deste termo, a exemplo de Paul Vidal de La Blache e Richard Hartshorne, respectivamente mestre e aprendiz de constituições teóricas da revelada Geografia Tradicional (final do século XIX e início do XX). É por meio dos esforços destes (apesar de serem de lugares e contextos históricos diferentes) que ambos “constituem-se em referenciais aos estudos de caráter regional em função de sua contribuição para a sistematização dos estudos que se propunham a analisar um espaço geográfico pela lógica zonal” (HAESBAERT, 1999, p. 18).

Dessa forma, o entendimento de Região à sombra geográfica gerou duas matrizes analíticas: o político e natural. Este último, em sua constituição, deu escopo de importância à geografia ainda no século XIX, quando da difusão das ideias de Friedrich Ratzel, via postulações do Determinismo ambiental. Deste, houvera o despertar para a percepção também dos espaços como vetores de usos políticos.

Como resultado dos processos evolutivos, as ideias então consagradas pelo pensamento geográfico alemão foram veemente rebatidas pelas acepções teórico/ideológica do Possibilíssimo de La Blache, no pensamento Francês. Os embates permitiram o desdobrar da ciência geográfica em várias vertentes e condições de pensamento.

Dessa forma, os choques ideológicos, além de fomentaram possibilidade de avanços, também permitiram desgastes para com a ciência em destaque na extensão do século XX, notadamente, entre a denominada Geografia Física e Humana. Uma das facetas que marcaram ambas vertentes do conhecimento fora a promoção de condições teórico/metodológicas próprias, porém, díspares dentro do contexto geral da ciência em difusão.

---

<sup>7</sup> Longe de tencionar uma historicização dos diferentes debates, uso e aplicações às realidades geográficas, o uso deste termo aparece como forma de alicerçar a construção conceitual proposta, o que instiga a necessidade do resgate e debate de sua constituição.

A natureza, com seus elementos, fenômenos e diferenciações regionais, tomada como ‘pano de fundo’ para cunhagem do conhecimento geográfico desde fins do século XIX tem seu interesse de estudos recuado na segunda metade do século seguinte, oportunidade em que se estabeleceu uma nova unidade de concepção e pensamento geográfico materializado no contexto do Pós:

Segunda Guerra, nos meados da década de 1950, sob a dinâmica da nova fase de expansão capitalista, nova divisão social e territorial do trabalho é posta em ação, promovendo a dissolução de regiões anteriores à guerra e a ação humana constrói novas formas espaciais: rodovias, represas, etc., sob o signo da mudança no conteúdo e nos limites espaciais. Nesse cenário, o papel ideológico da ‘Nova Geografia’ buscou justificar a expansão capitalista e valorizar as transformações que afetaram gêneros de vida e paisagens, através do discurso do desenvolvimento (MIDDLEJ *et al.* 2005, p. 5).

São as rápidas e acumuladas transformações operantes no mundo, em especial destaque, nos ditos países de ‘Terceiro Mundo’ que estimula o emergir de uma nova abordagem geográfica denominada de Geografia Crítica, alicerçada a partir dos anos de 1970 e que usa o “conceito de região para entender o desenvolvimento desigual de porções do território” (ABREU; ALMEIDA, 2010, p. 10). A discussão que acontece a partir de então revela o nítido valor, uso e prestatividade dos territórios com vistas à política de interesses e atuações capitais.

É diante desse cenário que se faz então relevante resgatar a noção de Territórios, consubstanciado na abordagem geográfica e trazê-lo à tônica do debate aqui tensionado. De imediato, diz-se que o mesmo é reconhecido “pelo conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial, [...], ou [...] a base técnica e mais as práticas sociais, isto é, uma combinação de técnica e de política” (SANTOS, 2002, p. 5).

Vê-se aí um palco misto de onde saltam várias perspectivas: natural, artificial, o social e até o político. Pela concepção naturalista, tal qual da forma em que embrionara e desenvolvera-se o termo região, a lógica conceitual e aplicativa dos territórios naturais fora também defendida por Ratzel, que defendia a importância para o desenvolvimento da vida, na verdade, um *habitat*, onde deveria existir as condições, os elementos que permitissem a perpetuação e sucesso vital de uma coletividade social.

A vida então em desenvolvimento estabelecia-se na medida da existência e usos dos recursos e condições identificados no território, sendo o homem, dentro deste espaço um ser político (ou não), onde “o território existe sem a presença do homem, desocupado (apolítico) ou com a presença deste e com o domínio do Estado (político)” (MORAES, 1990 *apud* FERREIRA; SPAGNOLI; ALVES, 2009, p. 39).

O fator vida parece ser então elemento chave para existência, reconhecimento e validade de tal categoria, a partir de sua inauguração, no processo de evolução do pensamento geográfico. As formas de relacionamento e a capacidade de gerenciamento dos elementos que viessem contribuir para que tal fator pudesse evoluir/progredir seria então o mote decisivo para o sucesso (ou não) dos lugares.

Estranho pareceria se tal fato não fosse assim reconhecido, já que etimologicamente a palavra território vem do latim *territorium*, que significa pedaço de terra apropriado. Esta significação é maturada pelo enxergar do entrelaçar que os homens

então faziam a um pedaço de chão, edificando suas bases materiais e ou ideológicas. É daí que tomam validade as perspectivas artificial, social e política, explicitada anteriormente.

As transformações materiais que se operaram fortemente no Pós II Guerra Mundial, em diferentes recortes geográficos, além de engendrarem novas composições teórico/metodológica na evolução da geografia para a compreensão da totalidade mundo que se processava, permitiu colocar o debate conceitual dos territórios em uma nova dimensão.

As atenções então se dirigiram aos diferentes e múltiplos “atores” que territorializavam diferentes recortes territoriais<sup>8</sup>. Nesse ponto, as condições de transformações e usos dos territórios estavam “mais voltadas para o indivíduo [...] temos o território do indivíduo, seu ‘espaço’ de relações, seu horizonte geográfico, seus limites de deslocamento e de apreensão da realidade” (SPÓSITO, 2000, p. 113).

Essa nova abordagem permite visualizar a combinação dos elementos indivíduo, espaço, relações, que marcam os novos horizontes dos espaços, que tem como pano de fundo, as condições de poder que se estabeleciam, segundo objetivos específicos e de particulares (notadamente, os capitalistas), na reelaboração das relações sociais, oportunidade que a noção de territórios é definida como “espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2006, p. 79).

Por esta nova concepção, assiste-se a existência das perspectivas materiais, a exemplo de novas fronteiras; investimentos industriais; expansão dos guetos urbanos, mas também simbólicas, seja elas culturais e ou religiosas, ambas mediadas pela noção de poder. Este emerge não como possibilidade, mas sim como condição para que se execute novas participações dos capitais e implementação de materialidades sobre os territórios, o que permitiu inclusões de áreas/espaços estagnados.

Assim, expor toda essa discussão, partindo de uma trajetória conceitual e aplicativa de tais termos é sinônimo de entendimento mais amplo acerca da “confeção” de um novo Nordeste brasileiro, notadamente, quando se trata das cidades sertanejas no Ceará. Dessa forma, desde a década de 1990 de forma mais intensa, tais cidades são marcadas por processos e dinâmicas próprias, oportunidade em que sobre as mesmas oportunizam-se cada vez mais uma conexão lugar/mundo, onde a seletividade dos investimentos as colocam dentro de uma totalidade que são formadas “dentro de outras duas totalidades, a formação socioespacial e sua relação com o mundo” (HOLANDA, 2007, p. 231).

A formação e a relação citada tem induzido ano após ano sobre as destacadas cidades mudanças não apenas no perfil de distributivo de sua malha urbana, mas principalmente, em seu conteúdo socioeconômico e importância/comando local e regional. Assiste-se nesse processar um conjunto dinâmico, variável e complexo, ilustrando uma nova ordem e condição urbana fora das regiões metropolitanas.

---

<sup>8</sup> Consideremos as rápidas, concentradoras e dialéticas evoluções urbanas em países ricos e periféricos, além das rápidas e segregadoras transformações nos espaços agrícolas permitidas pela política ideológica e mercantil da Revolução Verde, inauguradas a partir de 1960.



#### 4 Sertão urbano cearense: bases históricas de sua formação

Entender os processos dinâmicos de transformação sobre as cidades sertanejas do estado do Ceará em momento contemporâneo, frutos de um conjunto de condições pretéritas nos convida de pronto a remontar à ocupação do espaço cearense que se constituía sob os auspícios dos processos de colonização do território brasileiro, materializados sob diversas fases, atores e circunstâncias, engendradas no sentido do deslocamento interior-litoral e vice-versa.

Como ponto de partida, a materialização em voga convoca, mesmo que de forma preliminar, uma discussão conceitual acerca do Espaço Geográfico, momento em que entre tantas conceituações encontrada nas diferentes literaturas do campo geográfico e ou das Ciências Sociais, destaca-se uma citada por Santos (1997), expondo que “o espaço é uma acumulação desigual de tempos”.

Assiste-se nessa perspectiva, a ideia de que os tempos se revestem de ações e condições que ajudam a fomentar conteúdo, valor e forma sobre os espaços em processo de dinamização. Junto a esse processo, encontram-se diversos sujeitos, com diferentes ações e objetivos no processo de organização espacial, fato que caracteriza e marca a “convergência dos momentos” (SANTOS, 2000, p. 43).

Cada convergência é além de única, também intransferível, haja vista espelhar suas correlações de forças e a instauração de movimentos/ações que lhes dão marca e sentido de existência. Para tanto, há de se considerar os motivos que movem os sujeitos sociais na organização espacial, oportunidade que inaugura sobre esta, diferentes marcas e valores<sup>9</sup> elementos que imprimem marcas aos diferentes espaços.

Considerando esse entendimento, enxerga-se que é na historicidade dos deslocamentos humanos feitas aos espaços interiores do território do Ceará, que se fez erguer alguns espaços de ocupação colonial. Resultado das ações dos desbravadores sertanejos que com a implantação das fazendas de gado, criaram o “embrião” das charqueadas que logo tornara este território de expansão colonial como um dos maiores produtores do Brasil colônia, em pleno século XVIII. “Fato que dá vida e notoriedade a algumas conhecidas cidades do interior, a exemplo de Aracati, Icó, Sobral, que mais tarde fora continuada com a fase produtiva do algodão” (LIMA, 2011, p. 36).

É no emergir destas, particularmente, das que tinham contato com o mar (a exemplo de Aracati), que se aponta além do bojo exponencial de expansão econômica, também outros motivos correlacionados que justifiquem quer seja seu nascimento, quer seja sua desenvoltura, a exemplo da existência de atividades ligadas “à defesa do território, evoluindo com a instalação das atividades administrativas e outras surgindo com fazendas de gado e o crescimento dos entrepostos comerciais e alguns com as missões jesuíticas no período colonial” (SOUZA, 2006, p. 13).

Nesse processo, fora-se tecendo uma teia de relações espaciais, entre os diferentes espaços de colonização no território cearense. Estes foram interconectados pelo desenho de estradas por onde vagaram longínquos e muitas vezes perdidos viajantes e comerciantes. Travessias que entre outras condições, movimentaram e deram escopo

<sup>9</sup> Culturais, sociais, econômicas, enfim, um arranjo de características próprias e que tem origem a partir dos diferentes processos de organização do espaço geográfico.

de conteúdo aos futuros arranjos urbanos, com destaque por exemplo à cidade de Sobral. Deste espaço notorizou-se os “primeiros povoadores foram ocupando as margens dos Rios Acaraú, Coreaú, Aracatiaçu, Aracatimirim e de seus principais afluentes, cujas áreas configuram a depressão sertaneja onde se situa Sobral” (COELHO, 2007, p. 303).

Essas estradas, até os primeiros anos do século XIX, a exceção de Aquiraz e Fortaleza, localizados em ambiência marítima deram direcionamentos de evolução para núcleos de dinamismos em espaços sertanejos nas quais circulavam avolumados agrupamentos de boiadas e comerciantes, com destaque histórico de inauguração para proeminentes representações urbanas sertanejas a saber: Icó (1736), Aracati (1747), Sobral (1773), Granja (1776), Quixeramobim (1789), Russas (1801) e Tauá (1802).

Já se faz conhecido nas diferentes literaturas históricas, os diversos motivos que pesavam na escolha dos lugares para a instalação de fazendas e núcleos de colonização<sup>10</sup>, com particular destaque aos espaços marcados pela presença dos recursos hídricos. A existência e ocupação destes lugares regaram as escolhas de fundação de fazendas de gado, que destes evoluíram para pequenos núcleos populacionais, amarrados por diferentes movimentações sociais que ajudaram a emoldurar contornos de urbanização, que desembocaram na projeção das cidades não banhadas pelo mar.

As charqueadas, fase de ricas transformações socioespaciais no Nordeste brasileiro e capítulo histórico de iminente importância na tessitura e integração não só econômica e social, mas também espacial entre os diferentes redutos de caráter urbano no território cearense tinham como mercadoria representante, a carne salgada. Esta resultou da existência do gado vencido nas longas e duras passagens de viagens pelos longínquos sertões na busca de comércio e suas rentabilidades por parte dos homens fazendeiros.

Assim, dada as complicações das grandes viagens, o gado cansado e, aparentemente não prestável à comercialização, enquanto mercadoria viva para criação, era abatido e transformado em carne salgada, produto que fora alcunhado de a *Carne do Ceará*. Esta, entre outras possibilidades, alimentou a ciranda de crescimento de núcleos urbanos nordestinos e cearenses, particularmente, sob a figura da mão de obra escrava<sup>11</sup>. É também desta atividade que foi retroalimentando-se os investimentos de senhores de fazendas, além da “aplicação da dosagem” de tons de cores à paisagem seca das estradas dos sertões por onde vagavam um grande número de grupos de boiadas, que entre outras estradas, inaugurou-se a “estrada da Boiada – ou dos Inhamuns comunicando-se com a Estrada Geral do Jaguaribe, fazia a comunicação

<sup>10</sup> Tomando por base os acontecimentos históricos de ocupação da capitania do Ceará tal fato vincula-se ao século XVII, com a construção de fazendas criadoras de gado.

<sup>11</sup> Os afro-brasileiros tiveram grande importância nos trabalhos e resultados de evolução econômica no interior do Ceará, notadamente, nos espaços do Vale do Acaraú. Este fato veio clarear o debate que se tinha na História acerca da pureza portuguesa nas formações das famílias de “boa linhagem”, até mesmo no século XX pelos espaços interiores do Ceará. Uma das notícias comprobatórias dos negros e suas contribuições culturais aos espaços em destaque fora a inauguração da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens Pretos de Sobral, que existia em função da devoção à santa de mesmo nome e que permitia a participação dos negros nos rituais da Igreja e demais festividades por eles promovidos. Para maior discussão ver a obra “Irmandade e festa: Rosário dos Pretos em Sobral - CE (1854-1884)” (SOUZA, 2006).

com o Piauí, outras localidades da Ibiapaba e com Sobral no Norte do Ceará” (SOUZA, 2006, p. 16).

As dinâmicas então engendradas pela *Carne do Ceará*, além de abrir estradas, criaram elos de comunicação e interações econômicas, sociais e culturais. As dinâmicas em tela dialogaram, tanto no tempo, quanto no espaço, positivamente acerca dos processos de formação socioespacial em território cearense até então permitidos e como frutos para a posterioridade, o que nos permite “interpretar a acumulação e a superposição das formas herdadas das gerações precedentes através dos diversos modos de produção” (ALMEIDA, 2012, p. 3).

No caso das formas herdadas a partir das movimentações das boiadas, o desenho das estradas em voga nos convida à compreensão das expressividades urbanas no sertão cearense em momento contemporâneo. Nesse ponto, é visível, a ciranda de elementos que se posicionaram mesmo que sem intenção nos processos de formatação territorial das cidades sertanejas cearenses.

Conforme se vê, sobre as muitas estradas, a andança dos desbravadores/colonizadores não só desenharam as interconexões entre os vários espaços do território cearense, que resultariam na edificação das várias cidades sertanejas e assim suas importâncias para seus contextos de abrangência comercial, mas também colaboraram para uma integração regional, ao abrir espaços de comunicação e sociabilidades<sup>12</sup> com o litoral nordestino.

Feita essa visualização e considerando as movimentações e ações apontadas no processo de materialização e organização do espaço territorial cearense, essas se configuraram como uma espécie de “velocímetro” do/no espaço. Esta expressão ganha sentido ao se perceber os resultados não só das ações engendradas em tal percurso, mas com estas, a promoção das velocidades das desenvolturas, a partir dos caminhos de expansão em tela. Foram estes movimentos e momentos que esboçaram paulatinamente um promissor desenvolvimento dos núcleos urbanos em fins do século XVIII.

Nesse direcionamento, percebe-se que mesmo antes do século XX, uma dinâmica urbana, à velocidade de sua época, já era esboçada, resultando numa primeira e promissora composição urbana no Ceará, destacadamente, em espaços sertanejos, conforme se observa na Tabela 1, apresentada a seguir.

---

<sup>12</sup> De uso e sentido amplo, logo, interdisciplinar, o termo pluralizado em destaque (e de recorrente uso neste texto) remete a perspectiva de contato, das interações, das formas de organização entre os indivíduos e nesse ínterim, as ações dos mesmos com rebatimentos nos processos de reorganização socioespacial. Para maiores esclarecimentos, ver a discussão “O conceito de Sociabilidade em Georg Simmel”, proposta por Alcântara Júnior (2005).

**Tabela 1 - Esboço da Rede Urbana no Ceará em fins do século XVIII**

Vila ou Povoado	Espaço geoambiental de localização	Nível <sup>13</sup>	Função Básica
Aracati	Litoral	1°	Comercial/administrativa/serviços
Icó	Sertão	1°	Comercial/administrativa/serviços
Sobral	Sertão	1°	Comercial/administrativa/serviços
Crato	Sertão	1°	Agrícola/administrativa/industrial
Camocim	Litoral	2°	Comercial/industrial
Acaraú	Sertão	2°	Comercial/industrial
Quixeramobim	Sertão	2°	Comercial/serviços básicos
Fortaleza	Litoral	3°	Administrativa
Aquiraz	Litoral	3°	Administrativo
Granja	Litoral	3°	Industrial

Fonte: SUDENE/SUDEC – Estrutura do Espaço Urbano e Regional no Ceará – uma abordagem histórica, 1974 *apud* HOLANDA, 2007 (com adaptações).

Na Tabela 1 é perceptível a dinâmica apresentada pelas cidades sertanejas, ultrapassando inclusive, em termos de importância àquelas diretamente localizadas em espaços litorâneos naquele momento. Nesse ponto, vê-se que suas respectivas funções que justificavam suas importâncias urbanas, fato notado quanto aos níveis, o que permite reconhecer que a maioria destes centros elencados (os de 1° e 2° nível) estavam localizados em espaços sertanejos. Percebe-se também um diálogo que se estabeleceu fortemente entre as cidades localizadas em espaços de unidades geoambientais distintos<sup>14</sup> sertão e litoral, pelo fato do crescimento em conjunto, destacando-se aí as “estradas das boiadas”, enquanto canais de fluidez entre os lugares apontados.

O desenvolvimento<sup>15</sup> alcançado por muitas cidades sertanejas até então, via charqueadas e logicamente, a inauguração de núcleos urbanos, oriundos da colonização ganha dimensões de importância com a fase algodoeira em fins do século XIX, momento de um novo capítulo na história do Ceará e de profundas transformações socioespaciais sobre aquela cidade, apresentando-se a capital Fortaleza nesse pro-

<sup>13</sup> Estes níveis são originários desta tabela. É por meio destes que os autores na literatura apontada já tentavam mostrar uma espécie de hierarquia urbana naquele momento, considerando as respectivas importâncias assistidas sobre tais núcleos urbanos em evolução.

<sup>14</sup> Fala-se dessa forma por perceber o que marca tais é sua composição, a partir da presença de seus atributos locais – rio, lago, relevo, etc., ambos mediados por condições climáticas específicas e nesse ínterim, a composição de paisagens específicas.

<sup>15</sup> O termo empregado evidencia o alcance de condições materiais ao qual passava Sobral em tal período, notadamente, quando da fase algodoeira, colaborando para uma intensificação comercial entre essa cidade e várias partes do Brasil e mundo, onde nesse processo, o aumento de sua população, edificações habitacionais, etc.

cesso, como o principal centro receptor e distribuidor deste produto.

Tal fato é permitido a partir da Guerra da Secessão nos E.U.A, que obrigara este país, até então, o maior produtor e exportador do mundo à época, a deixar o mercado vazio. Nesse ínterim, o Nordeste, particularmente, o Ceará, aproveita a lacuna de produção, possibilitando a esta parte do Brasil ingressar “no cenário exportador brasileiro, ao mesmo tempo em que adquire maior independência em relação ao controle das atividades econômicas” (AMORA; COSTA, 2007, p. 354).

O ingresso do Ceará na dianteira da produtividade e competitividade internacional via produção algodoeira lhe rendeu muitos benefícios capitais, mas principalmente uma “maior necessidade de investimentos em pontes e estradas de ferro, e a ocorrência de drenagem de riquezas para as cidades que desenvolvem, sobretudo, o comércio” (AMORA; COSTA, 2007, p. 354).

Nesse direcionamento, o comércio fora incrementado, a partir do fortalecimento da aliança entre a produção de gado que já se manifestava como importante e a emergência do algodão como elemento diferenciador do contexto produtivo até então. É nesse momento de dinâmica produtiva que a estrutura urbana por exemplo da cidade de Sobral que se faz reorganizada. Com papel de destaque nesse processo para a “Câmara política, viabilizando um conjunto de atividades de intervenções a exemplo de aberturas de ruas, desobstrução de becos, construção de praças, etc.” (FERREIRA, 2013, p. 117).

Na verdade, um estilo de organização europeia dominou grande parte dos núcleos urbanos sertanejos em ascendência, no contexto das dinâmicas produtivas, obrigando seus moradores também a adaptarem e sentirem-se “europeizados”, notadamente quando o assunto era a criação dos filhos frente à nova ordem instaurada. Momento em que se torna rotineiro a contratação de “letrados em latim e em música para a educação dos filhos dos fazendeiros, advogados para fiscalizar as imposições dos Códigos de Posturas, jornalistas para a inserção da imprensa na vila” (FERREIRA, 2013, p. 117).

Os recortes territoriais destacados (com suas funções adquiridas) demonstram o vetor de potencialidades produtivas que deram sombra de desenvolvimento as terras sertanejas do Ceará. Percebe-se assim que tais recortes – hoje municípios com suas respectivas sedes são resultantes da dinâmica comercial e produtivas de outros tempos, fato que engessou às mesmas uma condição de ancoradouro de desenvolvimento além mar. Isto se torna importante explicitar, pois evidencia que o fato de existir no Ceará, um espaço marítimo visto como importante “porta de entrada e saída” de mercadorias, assim se fez a partir das fortes relações com as áreas urbanas dos sertões, ambos em processos de retroalimentação de movimentos produtivos e econômicos, resultando daí as dinâmicas urbanas que se está a discutir.

Essa dinâmica não estaria completa se não apontasse o despontar de um inicial processo de tecnificação<sup>16</sup> dos núcleos urbanos sertanejos, momento que contrastou com períodos anteriores até então marcado pela produtividade agropastoril

---

<sup>16</sup> Exemplifica-se a Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano, bem como a Companhia Industrial de Algodão e Óleo (CIDAÓ) e muitas outras, das quais estavam ligadas ao setor extrativista, da virada do século XIX para o XX.

e extrativista e que chegou produzindo a noção de um novo tempo, chegando a “desmantelar a harmonia do conjunto, determinar a ruptura do tempo e a permissão de entrada em um novo período” (SANTOS; SILVEIRA, 2006, p. 24).

Entretanto, essa dinamização é alterada no final do século XIX e início do século XX, a partir do episódio conhecido como período da seca dos “dois setes” (1877)<sup>17</sup>, fato que posiciona Fortaleza para além da função administrativa, estando o vetor comercial na mesma consonância e direcionamento com o mar. Estes, consagraram a capital como grande destaque para o início do século XX, que se soma com o recebimento em massa de fugitivos das lóstimas das secas do interior do estado, momento que imprime à mesma uma nova condição imagética urbana e social, a partir da presença dos retirantes.

Frente a esse fato, no Ceará, como extensão do que ocorria no restante do Nordeste brasileiro e no Brasil, outra faceta imagética e de condição foram permitidas nas cidades sertanejas pelo motivo das secas: poderes políticos centrado nas mãos de poucas e abastardas famílias proprietárias de terras. Estas, dada sua importância regional, por conta da localização de suas terras e produções nelas contidas, tinham no seio político e social o “repouso” de relacionamentos, que eram marcados pelos diálogos de favores e controle político em seus quadros de comando territorial.

Dentro deste é que se que promoviam os ditos currais de votos e de favores, logo, de alienações sociais de relacionamentos. Nesse sentido, as relações estabelecidas permitiam que tanto os governos como o conjunto das famílias em destaque gerenciassem as “terras e as vidas dos que dela dependiam, firmando as relações de dependência entre trabalhadores e proprietários e criando códigos de fidelidade e submissão destes para com aqueles” (FERREIRA, 2013, p. 32).

A projeção desta forma de relacionamentos além de servir para o reconhecimento dos valores sociais/políticos em cada pedaço dos sertões, via comando de famílias, na verdade veio reafirmar o poder centralizador de governos sobre as diversas províncias do Nordeste brasileiro. Uma exemplificação nítida é da importância de os fazendeiros mandarem seus filhos para estudarem fora e depois de formados voltarem para suas terras com o título de “doutores”. É a partir destas titulações que advinham as influências para os envolvimento políticos e assim, a continuidade do legado de poder em nomes das tradicionais famílias.

Essas ações marcaram o Nordeste brasileiro como de cunho monopolista político. O Ceará como parte desse processo apenas seguiu os rumos ditados pelos agentes políticos e econômicos que foram moldados desde o erigir dos processos de colonização. É por meio das diferentes ações e movimentações que foi assistindo-se a uma formação e organização espacial urbana dos sertões, cada qual com suas

---

<sup>17</sup> Este evento teve grande repercussão nos rumos que as cidades interiores tinham até então. A instabilidade e escassez dos recursos naturais produzidos nas áreas sertanejas motivou o Senador à época Tomas Pompeu de Souza escrever e enviar ao rei D. Pedro II um projeto que instigava o aproveitamento da mão de obra disponível para a realização de obras públicas no Nordeste como forma de “salvação” dos necessitados e atingidos pelos rigores desta grande seca. É deste tempo que Fortaleza recebe enormes contingentes populacionais fugidos dessa calamidade. Para maior discussão ver o trabalho “Política e Seca no Ceará (1877-1915): um projeto de progresso para o Norte” (SOUZA, 2006).

capacidades e especialidades produtivas à qual foram incumbidas na expansão dos direcionamentos da divisão territorial e internacional do trabalho do final do século XIX ao início do século XX.

## **5 Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses: uma nova proposta conceitual**

A indução cada vez mais forte de uma conexão lugar/mundo, conforme já discutido anteriormente é mote de reforço e defesa para a constituição do conceito de Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses. A conjugação dos elementos e variáveis que compõem e explicam tal proposta conceitual (que se expõe em páginas seguintes) ajudam a revelar os novos e ampliados espaços urbanos de tráfego de investimentos/desenvolvimento, não apenas em nível local e ou regional, mas também, nacional, a partir dos interessados investidores/investimentos.

A composição de uma nova modalidade conceitual para estas realidades de transformações urbanas, localizadas em espaços sertanejos do Ceará, não tenciona ser uma totalidade fechada de compreensões sobre tais dinâmicas. Estas na verdade ocorrem e diferenciam-se quer numérico e ou qualitativamente entre as diferentes cidades.

Dessa forma, tal conceito objetiva apresentar-se como um “instrumento metodológico do conhecimento que expressa a essência do objeto; essência esta que, no caso tratado, revela as leis de movimento de uma realidade regional: sua origem, desenvolvimento e, eventualmente, seu desaparecimento” (BREITBACH, 1988, p. 11).

Pensando dessa forma é que se reconhece o papel das ciências no processo mobilizatório na produção dos conhecimentos: o de desvendar o mundo, explicando o conteúdo, organização e rebatimentos de seus fenômenos, nas diferentes escalas espaciais, oportunidade em que é possível “ler” as diversas realidades que se materializam nos diversos lugares.

É nessa possibilidade que as diversas “leituras” em destaque são permitidas pelas ações empíricas de análise, momento em que os objetos de estudos conseguem transmitir impressões (geralmente superficiais), que muitas vezes não conseguem dar respostas precisas e definidas no processo investigativo sobre os objetos investigados.

É aí que as ciências, via arranjos metodológicos e instrumentais de trabalho conseguem ratificar e ou negar o que fora pensado em termos hipotéticos construídos no processo investigativo em que o sujeito pesquisador se propõe a fazer. Assim, na relação empiricista e metodológica há sempre a possibilidade conectiva entre os elementos do “real e ao mesmo tempo, a essência do objeto e a sua manifestação: entre elas há uma relação íntima, necessária e contraditória, cabendo à ciência desvendar essa relação” (BREITBACH, 1988, p. 20).

Nesse íterim de movimentações da relação em apreço é que surge então a formulação de conceitos, onde esta possibilidade “significa dizer que se teve acesso à essência do objeto, a partir do que podem ser percebidas as leis de movimento do real, seus desdobramentos, sua estrutura interna” (BREITBACH, 1988, p. 21).

As essências, as suas movimentações e seus desdobramentos não estariam satisfeitos por meio de estudos e amostragens dentro do corpo científico da Geografia, se não houvesse o entremear discursivo e reflexivo das categorias de análise apontadas.

Destes fatos então apresenta-se os elementos e variáveis que tem influenciado a promoção conceitual de dinâmicas urbanas que se processam em espaços sertanejos do Ceará (Tabela 2):

**Tabela 2 - Elementos e Variáveis na composição das Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos do Ceará**

Elementos	Variáveis
População	Êxodo rural;
Economia	Migrações/mobilidade intramunicipal. Novos equipamentos comerciais/serviços;
Atrativos/condições infraestruturais	Novos investimentos/investidores. Políticas públicas;
Dinâmica imobiliária	Parcerias público/privada. Agentes Produtores do Espaço Urbano.

Fonte: Lima (2011).

Observa-se que o conjunto dos elementos e variáveis pensados para a construção do conceito proposto são além de complementares, dinâmicos, considerando a perspectiva de sua continua reorganização e localização sobre os diferentes recortes dos espaços urbanos. Esquemáticamente, na Figura 1 (inserida na próxima página), é possível visualizar o corpo de composição dos itens descritos anteriormente e sua respectiva ligação.

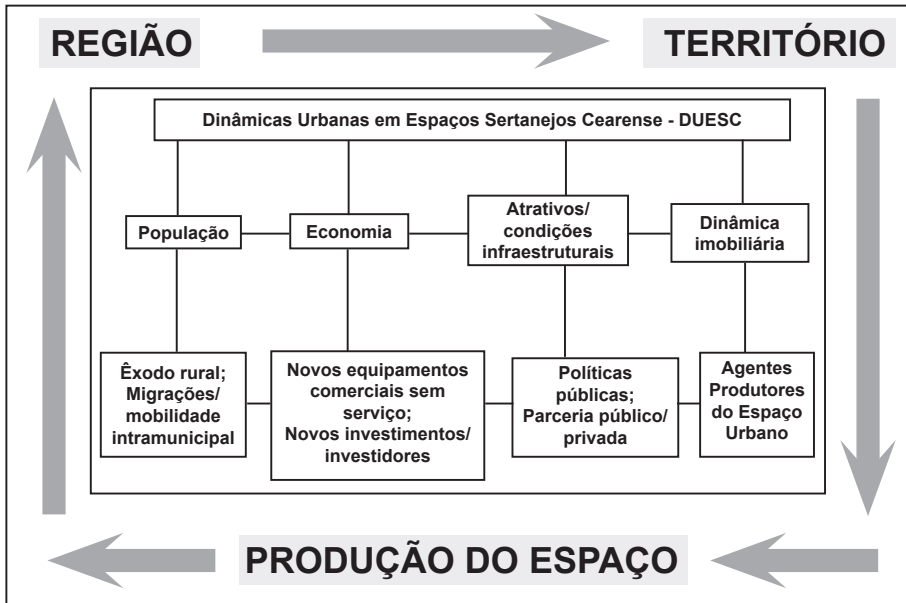
A partir da construção exposta e considerando os rebatimentos advindos do entrelaçar dos elementos/variáveis apontados, entende-se por Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses, o conjunto de transformações aos quais estão submetidas as várias cidades sertanejas cearenses inseridas dentro de uma lógica de transformações infraestruturais, sociais e econômicas impulsionadas pela recente lógica de expansão e desconcentração de atividades econômicas/produtivas no Brasil.

No organograma da Figura 1, enxerga-se que a hierarquia que compõe o corpo dos elementos e suas respectivas variáveis influenciam em um novo modelo de constituição urbana de cidades que localizadas em espaços sertanejos do Ceará, que pelo menos durante algum tempo – até a primeira metade dos anos de 1990 eram quase que “invisíveis” aos diversos e específicos objetivos de investimentos/investidores<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> Que até então acumulavam-se dentro dos quadros urbanos da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).



**Figura 1 - Elementos e variáveis para Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses (DUESC)**



Fonte: Lima (2011).

Este fato tem possibilitado a emergência de uma nova composição hierárquica urbana no Brasil que “responde diretamente aos avanços do modelo industrial e à oferta de equipamentos e serviços” (PENA *et al.*, 2011, p. 152). Nesse sentido, as cidades refuncionalizam-se. Comportamentos sociais são padronizados pela nova lógica de consumo. Há, enfim, uma nova dimensão do urbano nos sertões cearenses.

Em outras palavras, há uma constante alteração da malha territorial das cidades abarcadas. As mudanças em evidência vêm permitindo mais que a promoção de novos *lócus* urbanos sertanejos para investimentos: também o de renovação material (também imaterial) e imagética que há muito foram negadas/negligenciadas em nível nacional e também local, resultando em fortes rebatimentos nas organizações sociais de tais lugares.

Estes rebatimentos se apresentam pelo visualizar das ampliadas capacidades de consumo, energizadas pela chegada de novos equipamentos de empresas/serviços antes concentrados na capital do estado. Pelo aparecimento de novas formas e arranjos de moradias, marcadas de estilos e tendências que são sinônimos de luxo, segurança e conforto. Uma expansão ampliada e dialética do “corpo urbano” com o aparecimento de novas funcionalidades nos diferentes bairros, forçando às constantes revalorizações e alvo de ações especulativas dos agentes produtores espaciais.

Complementa esta caracterização, a expansão do raio de influências que se permite a partir da cidade de maior capacidade e importância infraestrutural/econômica sobre outras cidades a ela adjacentes e que fazem destas, cada vez menos

dependente das forças e comando econômico/material centrados na capital Fortaleza. Deste fato, visualiza-se avolumadas mobilidades populacionais, de mercadorias, investimentos pelas estradas que algumas centenas de anos atrás eram desenhadas por rebanhos de gado e homens desbravadores no processo de colonização do Ceará.

## 6 Considerações finais

As acumuladas condições materiais de cunho capital no trajeto de evolução das cidades sertanejas cearenses respondem e justificam a dinamização imposta sobre seus solos, quer seja por seus diferentes usos, quer seja nas formas de edificação permitidas via específicas ações de interesses dos agentes produtores do espaço.

Ao lado destes interesses, soma-se a dinâmica dos elementos e variáveis enxergados na composição conceitual apresentada. O entrelaçar e operacionalização de relações construídas entre os mesmos, visto no organograma da Figura 1, facilita a compreensão das dinâmicas as quais passam tais cidades. É daí e também no formato empírico que é possível muitas leituras de que cidades sertanejas, independente de seus tamanhos, importância, bem como representação e papel regional vem se constituindo.

As constantes transformações induzem ao imediatismo do consumo dos seus solos para moradia e demais atividades capitais. Vislumbra-se uma ampla ciranda de manejo e valor da terra urbana, explicitando inúmeras consequências, notadamente, os de ordem social. O conteúdo ambiental mostra-se cada vez mais comprometido, haja vista a dinâmica de rápida urbanização. Um novo formato territorial é delineado e de vidas também. Há, portanto, uma nova “roupagem” de condições, dantes exclusiva dos quadros urbanos metropolitanos.

É desta possibilidade que se enxerga que independente dos tamanhos e funcionalidades das cidades localizadas em espaços sertanejos do Ceará, a promoção de um *frenesi* constante de apropriações do seu solo, momento em que se delimita a capacidade de acesso e diversidades de usos. As desconcentrações econômicas, produtivas experimentadas no Brasil desde os anos de 1970 não respondem pelas totalidades das transformações aos quais tem passado as cidades sertanejas, mas permitem identificar traços e características de elementos e condições que vem permitindo amplas e importantes mudanças urbanas sobre cidades “interiores” do Nordeste do Brasil.

Não é a toa que nesse sentido quando numa conversa informal com moradores de cidades pequenas como Cariré, Varjota<sup>19</sup> entre muitas outras sertanejas, ouvir-se alguns relatos em comum, tais como: “eita que esta cidade cresceu e se desenvolveu. Tudo nela é carestia. Até outro dia um pedaço de terreno no bairro ‘x’ custava tanto e hoje tá um absurdo de caro”. Ao exemplificar estas duas espacialidades urbanas de tamanhos e importâncias diferentes, assiste-se pelas elucidações das pessoas uma movimentação de renovação dos respectivos solos urbanos, logo, de constantes valorizações.

---

<sup>19</sup> Segundo os últimos dados do IBGE de 2010, os respectivos municípios contavam com 18.348 e 17.584 habitantes.

É por meio destas reflexões que a composição conceitual foi pensada. Ampliar esse universo de discussões pode revelar alguns aspectos ainda guardados na sombra da constante evolução das muitas cidades sertanejas. É aí que cabe o desafio dos pesquisadores da ciência geográfica e das demais que tomam o urbano e a cidade como objetos de estudo e defesa: o da provocação e renovação de novos debates que explicitem outras facetas, ainda não mensuradas sobre tais discussões.

Nessa possibilidade, as muitas cidades sertanejas cearenses em nada são iguais. Seja no quantitativo populacional. Seja nos índices de IDH. Seja na capacidade de inserção/recepção dos investimentos, fruto das desconcentrações produtivas já comentadas. Contudo, a composição explicitada no organograma da Figura 1 e da sua respectiva dinâmica consegue dar “pistas” das transformações da(s) / na(s) cidade(s) em destaque.

Dessa forma, assiste-se como rebatimentos, o elevado preço que alcança os diferentes terrenos e imóveis em tais cidades. O crescimento e mobilidades populacionais, notadamente, entre os espaços urbanos e rurais. A chegada cada vez mais constante de comércios, serviços e profissionais especializados, antes exclusivos, de cidades de maior importância. Enfim, uma remodelação que atravessa e impacta particularmente os setores econômicos e sociais.

## Referências

ABREU, R. C.; ALMEIDA, M. A. Abordagem conceitual de Região: a relação entre o Estado e a geografia escolar. In: *XVI Encontro Nacional de Geógrafos: Crise, práxis e autonomia: espaço de resistência e de esperança*. Porto Alegre, 2010.

ALMEIDA, Humberto Marinho de. Práticas espaciais, gestão seletiva e o desenvolvimento territorial no Ceará. In: *XV CISO - Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais Pré-ALAS Brasil, 2012*, Teresina. XV CISO - Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais Pré-ALAS Brasil, 2012. v. único.

AMORA, Zenilde B.; COSTA, Maria C. L. Olhando o mar do sertão: a lógica das cidades médias no Ceará. In: SPOSITO, Maria E. B. (Org.). *Cidades Médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 343-378.

BRAGA, L. C. Alguns apontamentos sobre a discussão da relação espaço e tempo na Geografia. In: *14 Encontro Latino Americano de Geografia, 2013*, Lima; XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina: Reencuentro de Saberes Territoriais Latinoamericanos. Lima, 2013. v. 14. p. 1-14.

BREITBACH, Á. C. M. Notas sobre a importância metodológica dos conceitos. *Ensaios FEE*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 121-125, 1988.

COELHO, Modesto Siebra. In: SILVA, José Borzacchiello; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderlei Correia (Orgs.). *Ceará: um novo Olhar Geográfico*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 301-337.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 2002.

FERREIRA, D. A. O.; SPAGNOLI, M. V.; ALVES, F. D. O Conceito de Território e Região nas Políticas Públicas: Uma Discussão Inicial para o Entendimento dos Territórios da Cidadania. In: *V Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa "Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais"*, Santa Maria: UFSM, v. 1, 2009.

FERREIRA, D. L. *A (re)invenção de uma cidade: Cid Marketing e a requalificação urbana em Sobral* - CE. 2013. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2013.

GODOY, P. R. T. A Produção do Espaço: uma reaproximação conceitual da perspectiva lefebvriana. *Geosp*, São Paulo: USP, v. 23, p. 125-132, 2008.

HAESBAERT, R C. Região, diversidade territorial e globalização. *Geographia*, Niterói, v. 1, n. 1, 1999.

HOLANDA, Virginia Célia Cavalcante de. *Modernizações e espaços seletivos no Nordeste brasileiro*. Sobral: Conexão Lugar/Mundo. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LEFEBVRE, Henri. *A Re-produção das relações de produção*. (Tradução da 1ª parte de *La survie du capitalisme*). Porto: Edições Escorpião, 1973.

LIMA, Juscelino Gomes. *Espaços construídos, imagens fragmentadas* - Condições da paisagem urbana à imagem turística e ambiental da "Fortaleza Bela". 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Turismo e Meio Ambiente) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

MACHADO, Carlos. Momentos da Obra de Henri Lefebvre: uma apresentação. *Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 13, p. 83-95, 2008.

MIDDLEJ, Moema Maria Badaró Cartibani *et al.* Universidade e Região. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 1, p. 171-189, 2005.

NEVES, P. C. A formação do Espaço Urbano. In: *II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História*. UFG/UCG, Goiânia - Go, 2009.

PENA, H. W. A. *et al.* Dinâmica urbana do estado do Pará (2000-2008). In: PEREIRA, Rafael Henrique Moraes; FURTADO, Bernardo Alves (Orgs.). *Dinâmica Urbano-Regional* - Rede Urbana e suas Interfaces. Brasília: IPEA, 2011. p. 145-183.

OLIVEIRA, Renato Almeida de. A Concepção de Trabalho na Filosofia do Jovem Marx e suas Implicações Antropológicas. *Kínesis*, Santa Maria, UFSM, v. 2, p. 72-88, 2010.

SANTOS M.; SILVEIRA M. L. *O Brasil* - Território e Sociedade no Início do Século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SAQUET, M. A. Abordagens e concepções de território e territorialidade. *Revista Geográfica de America Central (online)*, v. 2, p. 1-16, 2011.

SOTO, W. H. G. O pensamento crítico de Henri Lefebvre. *Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 12, p. 22-28, 2013.

SOUZA, Marcelo José. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias *et al.* (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006. p. 77-116.

SPOSITO, Eliseu S. *Contribuição à metodologia de ensino do pensamento geográfico*. Tese de Livre Docência. Presidente Prudente: FTC/UNESP, 2000.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. *Scripta Nova*, Barcelona, v. 93, 2001.